

Livros em Revista

Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)



Presença Sob Pressão: Liderança e autoconhecimento para decidir sem se perder de si

Ricardo Ramos - Brasport - Por décadas o autor foi alto executivo do BNDES, dispensável mencionar seu alto padrão disciplinar e importância. Sempre às voltas com regras do jogo, em total circunstancialidade resolveu "virar a mesa". E o fez muito bem. Aprendeu a interiorizar-se, entendeu que nem sempre a busca por excelentes resultados traz o melhor benefício. Partindo dessa premissa, juntamente com conhecimentos amealhados ao longo da carreira, exitosa por sinal, criou um verdadeiro manual de boas práticas para o autoconhecimento, sem esbarrar em jargões de mera autoajuda. Uma obra que dará um "chacoalhão" no conforto de alguns. O questionamento, sério, sincero, sempre ganhará destaque para que o leitor consiga fazer-se presente, seja no trabalho, ou mesmo no contexto pessoal, familiar. Sucesso!!



Em Nome do Pai, da Mãe e do Filho: Compreendendo a relação entre adultos e crianças 2ª ed.

Mônica Donetto Guedes - INM Editora. Psicanalista, psicopedagoga e demais atividades voltadas ao entendimento do ser humano, nesta obra, já em 2ª edição, revisada, Mônica aborda a presença da pessoa no seio familiar, desde sua concepção, até adolescência, com uma profundidade impressionante. Num palavreado de fácil entendimento, que todavia, leva o leitor a benéficas reflexões. O entrelaçamento familiar indica um contexto fundamental para o sucesso do nascituro, em todos os aspectos de sua trajetória. Por demais oportuno!



Contando Sonhos de Crianças

Ivone Duarte - André Motta Cruz, Isabella Karine e Rafael Motta Cruz (Ilustrs) - Scortecci - Contos com ilustrações, muito boas, pertinentes, feitas por crianças, a professora e advogada, transmite uma sensibilidade ímpar, fazendo com que a obra reflita valores humanos. Interessante. Gostoso de ler para crianças acalmarem-se ouvindo boas informações. Que venham outros!



Nos Bares da Vida

Álvaro Aoas - Matrix - Álvaro é dessas pessoas que gostamos de conhecer. Sua história é eivada de ida e vindas. Uma característica deve ser ressaltada: resiliência em alta! Atributos como: "Dá nó em pingo d'água", "vende geladeira para esquimó", são encaixados perfeitamente em sua personalidade. Faz do dinamismo sua ferramenta diuturna. Incansável e irrequieto, conseguiu presentear São Paulo ao ressuscitar um local icônico: o Bar Brahma de tão grandiosas memórias. Sua biografia deve ser lida por jovens e adultos que tragam em seu DNA a vontade de vencer, quaisquer sejam os obstáculos. Uma ode ao trabalho, inteligência e persistência!!

www.bcctelevision.com.br

Assista ao programa Livros em Revista. Um canal repleto de novidades do universo literário. Entretenimento garantido!

Com apresentação de Ralph Peter.



A complexidade dos endpoints está custando às empresas mais do que elas imaginam

Há um paradoxo silencioso se desenrolando nas organizações de TI: as empresas nunca tiveram tanta tecnologia à disposição para automatizar tarefas e, ainda assim, as equipes continuam dedicando uma parcela significativa do tempo para entender o que está acontecendo em seus próprios ambientes

Max Mayorga (*)

Iulian Catalin's Images_CANVA



O problema não é simplesmente a quantidade de dispositivos, mas a complexidade que cresceu ao redor deles. Laptops, desktops, smartphones, aplicações em nuvem e diferentes modelos de trabalho passaram a fazer parte do mesmo ambiente operacional. Ao mesmo tempo, ferramentas de gestão, segurança, suporte e monitoramento muitas vezes operam de forma independente. O resultado é um ambiente em que a informação existe, mas nem sempre está conectada.

Quando os dados estão fragmentados, uma pergunta aparentemente simples pode se tornar difícil de responder: quais dispositivos estão realmente protegidos? Quais representam um risco? Quais exigem ação imediata? Esse problema pode ser menos visível do que uma falha de sistema ou um ataque cibernético, mas consome o tempo das equipes de TI todos os dias.

Quando gerenciar dispositivos se transforma em gerenciar informações

O endpoint deixou de ser simplesmente o computador utilizado por um funcionário. Ele se tornou um ponto de convergência entre produtividade, segurança, suporte e continuidade operacional.

É onde os funcionários acessam sistemas, armazenam informações e realizam seu trabalho, mas também onde uma atualização pode falhar, uma aplicação pode deixar de funcionar ou uma vulnerabilidade pode abrir caminho para um incidente. O desafio aumenta quando diferentes equipes trabalham com visões distintas do mesmo ambiente.

Uma ferramenta pode indicar que um dispositivo está atualizado, outra pode sinalizar uma vulnerabilidade e uma terceira talvez nem reconheça aquele dispositivo como parte do inventário. Para a equipe responsável, o trabalho começa pela reconciliação das informações antes mesmo de ser possível tomar uma decisão.

Essa fragmentação gera um custo que nem sempre aparece nas métricas tradicionais de TI: horas gastas verificando inventários, investigando inconsistências, identificando dispositivos fora de conformidade e decidindo quais problemas devem ser tratados primeiro.

Em meio ao chamado "Patch Apocalypse", no qual o volume e a urgência das remediações continuam pressionando as equipes, essa dinâmica se torna ainda mais difícil. O desafio não é simplesmente instalar mais atualizações. É saber onde agir primeiro, qual risco realmente importa e qual ação pode ser tomada sem criar outro problema operacional.

É tentador presumir que a resposta seja automatizar cada vez mais tarefas. Mas existe uma diferença entre executar uma ação rapidamente e saber se ela é a ação correta.

Uma atualização aplicada de forma indiscriminada pode interromper uma operação crítica. Uma vulnerabilidade urgente pode ter impacto limitado em determinado ambiente, enquanto um dispositivo esquecido no inventário pode representar um risco muito maior do que dezenas de dispositivos que já estão sob controle. A gestão de endpoints precisa evoluir de uma abordagem baseada em tarefas para uma abordagem baseada em contexto.

Isso começa com uma visão confiável do ambiente: saber quais ativos existem, quem os utiliza, quais aplicações estão instaladas, quais vulnerabilidades estão presentes e como esses dispositivos se relacionam com as operações do negócio. Sem essa visibilidade, até a melhor automação trabalha com uma visão incompleta.

O impacto humano também importa

Há outra consequência dessa complexidade que merece mais atenção, que é o tempo das pessoas. Quando profissionais altamente qualificados passam parte do dia verificando planilhas, conciliando informações entre dispositivos ou monitorando processos repetitivos de atualização, a organização está utilizando uma expertise cara para executar um trabalho que poderia ser realizado de outra forma.

Imagine que, em vez de começar a manhã identificando quais dispositivos deixaram de receber determinada atualização, a equipe pudesse iniciar o dia analisando um problema de segurança mais complexo. Em vez de passar o dia em processos repetitivos de remediação, poderia se concentrar em melhorar a arquitetura ou a experiência dos funcionários.

Até mesmo o onboarding pode mudar. Um novo funcionário não deveria precisar esperar horas, nem abrir chamados de suporte, para receber um dispositivo devidamente configurado e pronto para uso.

Individualmente, esses ganhos podem parecer pequenos, mas multiplicados por milhares de endpoints e centenas de processos recorrentes, eles mudam a forma como uma organização utiliza sua capacidade técnica. Esse é o ponto mais importante dessa discussão.

A evolução da gestão de endpoints não deve ser medida apenas pela quantidade de tarefas que a tecnologia consegue executar, mas também por quanto tempo qualificado ela devolve às pessoas.

O endpoint continuará sendo uma das principais interfaces entre pessoas e tecnologia, mas a questão é se continuaremos tratando cada dispositivo como mais uma tarefa para a equipe de TI ou se conseguiremos transformar a complexidade desse ambiente em informações confiáveis suficientes para tomar decisões melhores.

(*) Vice-Presidente Regional para a América Latina da Ivanti.

Inteligência meteorológica para tornar a previsão do tempo mais precisa para empresas e produtores rurais

Desenvolvida pela Cachola Tech, solução combina sensores próprios e informações climáticas para ampliar a precisão local e contribuir para o planejamento de diferentes setores da economia. Em setores nos quais as condições climáticas influenciam custos, produtividade e riscos operacionais, informações meteorológicas mais precisas podem fazer diferença nas decisões de negócio. É nesse cenário que a brasileira Cachola Tech desenvolveu o Astrus, uma plataforma de inteligência meteorológica que busca aproximar a previsão do tempo das necessidades de empresas, produtores rurais e gestores públicos.

A proposta é ampliar a granularidade das informações meteorológicas, avançando de previsões abrangentes por cidade ou região para dados cada vez mais próximos do local onde uma decisão precisa ser tomada. A tecnologia pode abrir possibilidades de aplicação em mercados que dependem das condições do tempo para planejar operações, administrar riscos e otimizar recursos.

Criado pelo engenheiro Jardhel Cachola, fundador da Cachola Tech, o Astrus já permite consultar gratuitamente previsões meteorológicas pelo navegador. O usuário pode pesquisar uma cidade ou utilizar sua localização para acompanhar informações como temperatura, umidade e probabilidade de chuva.

O próximo passo é ampliar a capacidade de monitoramento local por meio de uma rede própria de pequenas estações meteorológicas, chamadas MAJU. Com cerca de 10 centímetros e conexão Wi-Fi, os dispositivos foram projetados para coletar dados de temperatura, umidade, pressão atmosférica e chuva em diferentes pontos geográficos.

"A informação meteorológica tem impacto direto em decisões que envolvem produtividade, custos e gestão de riscos. Nosso objetivo é aproximar esses dados da realidade de cada local, para que possam ser mais úteis no planejamento das operações e na tomada de decisão", afirma Cachola.

Dados climáticos como ativo estratégico para diferentes mercados

No agronegócio, informações meteorológicas mais localizadas podem contribuir para decisões relacionadas à irrigação, à pulverização e à prevenção de eventos climáticos adversos. Ao considerar as condições de áreas específicas de uma propriedade, produtores podem ter mais elementos para planejar atividades e administrar recursos.

O potencial de aplicação também se estende ao mercado de seguros, em que dados climáticos podem ajudar a compreender a exposição a determinados riscos, e à logística, setor no qual chuvas intensas e outras condições meteorológicas podem afetar rotas, prazos e custos operacionais. Nas cidades, o monitoramento local pode contribuir para a análise de chuvas fortes e de áreas suscetíveis a alagamentos.

Essas possibilidades colocam os dados meteorológicos hiperlocais no cruzamento entre tecnologia, inteligência de dados e gestão de riscos. Para empresas que dependem de condições ambientais, o desafio não é apenas saber qual será a previsão do tempo, mas entender como ela pode afetar uma operação específica.

A estratégia do Astrus é combinar as informações captadas pelas estações MAJU com dados meteorológicos públicos e outras fontes. A expectativa é que a ampliação da rede aumente a disponibilidade de informações sobre variações locais, permitindo identificar diferenças entre microclimas.

"Uma previsão para uma cidade inteira não significa que as condições serão iguais em todos os bairros ou propriedades. Uma estação permite observar um ponto específico; uma rede distribuída pode ajudar a construir uma visão mais detalhada do território. Isso cria novas possibilidades para transformar dados meteorológicos em informação relevante para diferentes atividades econômicas", diz o fundador.

Expansão da infraestrutura e oportunidades de aplicação

A evolução do Astrus depende da ampliação da rede de sensores e da capacidade de integrar diferentes fontes de informação. A camada hiperlocal ainda está em desenvolvimento e deverá avançar conforme os equipamentos forem instalados e a cobertura de monitoramento crescer.

Neste estágio, a plataforma utiliza dados meteorológicos públicos. A proposta é complementar as informações disponíveis, e não substituir os serviços de previsão e os alertas oficiais emitidos pelos órgãos competentes.

O desenvolvimento também reflete uma estratégia de criação de tecnologia própria que possa ser aplicada a diferentes problemas. Fundada em 2025, a Cachola Tech trabalha com inteligência artificial, dados, automação e engenharia para desenvolver soluções tecnológicas. A empresa prepara sua expansão internacional a partir da Holanda.

Formado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Jardhel Cachola aposta na integração entre infraestrutura, software e análise de dados para ampliar as possibilidades de uso da tecnologia.

"O Astrus é um exemplo de como dados que já existem podem ganhar novas aplicações quando combinados com tecnologia e informações coletadas diretamente no território. Queremos reduzir a distância entre a previsão meteorológica e a realidade de cada local, criando uma base de informação que possa apoiar decisões mais bem fundamentadas", conclui.